

AINDA JANE JACOBS? ENTRE AS CONTRADIÇÕES E AS FRONTEIRAS DA CULTURA E DO TEMPO

*Still Jane Jacobs? Between the contradictions and boundaries of culture and
time*

Marília Rodrigues Imamura

Universidade Estadual de Goiás - UEG

Milena d'Ayala Valva

Universidade Estadual de Goiás - UEG

Taniele da Silva Brito

Universidade Estadual de Goiás - UEG

Ana Beatriz da Silva Costa

Universidade Estadual de Goiás - UEG

RESUMO

Este artigo examina a relevância e as limitações da obra "Morte e Vida de Grandes Cidades" de Jane Jacobs, publicado em 1961, destacando suas críticas ao planejamento modernista e a sua repercussão no urbanismo contemporâneo. Embora Jacobs defenda ruas vibrantes como espaços essenciais para a vitalidade urbana, seu discurso enfrenta críticas por contradições e por ter ignorado complexidades sociais, culturais e raciais. A pesquisa se propõe a explorar as fragilidades da obra de Jacobs à luz das críticas de autores como Berman, Bratishenko, Hospers e Tavolari, e compara o contexto urbano descrito na obra original com a realidade contemporânea da cidade de Anápolis, GO. A análise crítica ressalta como as diferenças culturais e temporais entre os EUA dos anos 1960 e o Brasil atual evidenciam a insuficiência da obra para orientar o debate urbano na atualidade. Por meio de uma revisão das tensões e contradições da obra de Jacobs, bem como da construção de quadros comparativos, o artigo sugere a necessidade urgente de enriquecer o debate urbanístico com teorias complementares que considerem aspectos contemporâneos, reconhecendo as limitações da celebração acrítica do trabalho de Jacobs. As conclusões enfatizam a importância de expandir o repertório teórico no campo do urbanismo, propondo novos caminhos que contemplem de forma mais abrangente as realidades sociais e culturais das cidades atuais.

Palavras-chaves: Jane Jacobs; teoria do urbanismo; vitalidade urbana.

ABSTRACT

This article examines the relevance and limitations of Jane Jacobs' 1961 work "The Death and Life of Great American Cities," emphasizing her critiques of modernist planning and her impact on contemporary urbanism. While Jacobs advocates for vibrant streets as essential for urban vitality, her discourse has faced criticism for contradictions and for overlooking social, cultural, and racial complexities. The research aims to explore the weaknesses in her arguments in light of critiques from authors such as Berman, Bratishenko, Hospers, and Tavolari, comparing the urban context depicted in her original work with the contemporary reality of Anápolis, GO. The critical analysis

underscores how the cultural and temporal differences between the USA in the 1960s and Brazil today highlight the inadequacy of Jacobs' ideas in guiding the current urban discourse. By reviewing the tensions and contradictions present in her work and constructing comparative tables, the article advocates for a more nuanced urban debate that incorporates complementary theories addressing contemporary issues. The conclusions stress the importance of broadening the theoretical repertoire in urban studies, proposing new directions that more comprehensively address the social and cultural realities of today's cities.

Keywords: Jane Jacobs; urban theory; urban vitality.

INTRODUÇÃO

No urbanismo contemporâneo, uma das principais referências bibliográficas é o livro “Morte e Vida de Grandes Cidades” publicado em 1961, da jornalista estadunidense Jane Jacobs. A obra difundiu a visão dos críticos do urbanismo modernista dos anos 1960 e propagou uma tendência de valorizar a perspectiva do usuário das cidades para seu planejamento. Nele, Jacobs ataca a “grande praga da monotonia” com os seus zoneamentos rígidos, o planejamento a partir do automóvel, os parques isolados e a paisagem monótona, em defesa de cidades mais diversas e densas, em que as ruas são espaços públicos de excelência, onde é gerada a vitalidade urbana.

Além de desprezar as ideias do arquiteto francês Le Corbusier, considerado o maior representante do urbanismo modernista e, segundo Jacobs (2001), responsável por um planejamento anti-cidade, ela também avaliava com o mesmo critério as propostas de Ebenezer Howard. Este criou o diagrama da cidade-jardim, que foi posteriormente assimilado pelo biólogo Patrick Geddes e difundido em diversas partes do mundo. Esse novo tipo de cidade, que buscava reforçar os vínculos com o meio natural, influenciou profundamente o planejamento urbano moderno, com a intenção de promover a melhoria das habitações e do ambiente urbano degradado. Na opinião de Jacobs (2001), esse conceito se baseou na separação dos usos e no isolamento das funções urbanas, resultando em descentralização, a mesma vocação presente na máquina de morar de Le Corbusier.

Não era esse o modelo de planejamento que a jornalista, militante de grandes causas, acreditava. Segundo ela, os princípios para planejar uma cidade ou reurbanizar uma parte dela deveriam ser opostos a essa tentativa de eliminar a essência da vida urbana nos grandes centros. Essa essência, segundo sua visão, reside na vitalidade que se manifesta nas calçadas e ruas, resultante da diversidade de usos e da presença de diferentes funções em horários variados. Essa diversidade, por sua vez, garantiria segurança por meio de uma vigilância coletiva. Para Jacobs, as cidades precisam da diversidade de interesses, propósitos e ocupações que proporcionem os “olhos das ruas”, os quais considera fundamentais para a preservação da civilidade.

Essa crítica e “nova” forma de pensar cidades é sem dúvidas relevante, considerando que esses princípios ainda são, muitas vezes, negligenciados em intervenções urbanas atuais. Entretanto, não é sustentável ter uma postura de aclamação cega pela obra. Em “Tudo que

é sólido se desmancha no ar” (1987), Berman já apontava uma estranha tendência de ideologias completamente opostas, tomarem a obra de Jacobs como uma base teórica. Ambos, Berman (1987) e Tavorari (2018), escrevem sobre as tensões e contradições encontradas no livro da jornalista, que por hora é uma “profetisa visionária” e por outra uma mulher branca de classe média com uma visão bucólica das cidades.

Além das contradições, pode-se apontar outros pontos frágeis da obra nas fronteiras do contexto cultural e temporal trabalhados na perspectiva da autora em contraposição ao contexto brasileiro atual. Sendo assim, como essa obra ainda pode ser considerada a principal bibliografia do urbanismo?

Portanto, diante da estagnação perceptível na teoria urbanística atual, surge a necessidade de buscar bibliografias alternativas. Este trabalho tem como objetivo examinar, por meio de uma análise crítica da obra de Jacobs e seus críticos, as fragilidades da obra. Com base nessas fragilidades, pretende-se apontar novos caminhos para a busca de teorias complementares.

Em busca de uma teoria urbanística complementar a partir do levantamento das fragilidades de Jacobs, foi realizada uma análise reflexiva da bibliografia dos críticos do movimento moderno da década de 1960, entre eles “Morte e vida de grandes cidades”, e uma revisão analítica da bibliografia dos críticos de Jacobs como Berman (1987), em “Tudo que é sólido se desmancha no ar”, Bratishenko (2024), em “Jane Jacobs’s Tunnel Vision. Why our cities need less Jane Jacobs”, Hospers (2006), em “Jane Jacobs: her life and work” e Tavorari (2018), em “Jane Jacobs: contradições e tensões”. Ainda, foi realizado um levantamento das diferenças dos espaços urbanos descritos pela autora em 1960 e os espaços urbanos no cenário atual brasileiro por meio de fotos. Além disso, foi feita uma comparação da sociedade na década de 1960 e na atualidade, dos EUA e do Brasil por meio de pesquisa de dados, censos e observação.

A partir dessa revisão crítica dos textos, foi construído um quadro de contradições e fragilidades da obra de Jane Jacobs. Por fim, para ilustrar e comprovar essas fronteiras da cultura e do tempo, foi realizada um levantamento das ruas por meio de fotos da cidade de Jane Jacobs, com destaque no bairro Greenwich Village em Nova York, e fotos atuais do cenário das ruas na cidade de Anápolis (GO).

A fotografia foi utilizada neste trabalho como um instrumento metodológico, considerando o papel significativo que desempenhou na década de 1950 na construção de um quadro crítico dos problemas identificados com a produção da cidade moderna. Fotógrafos que registraram cenas urbanas, arquitetura e a cidade contribuíram por meio de um olhar crítico, funcionando como um suporte técnico investigativo. Suas imagens servem como testemunhos dos usos das ruas e da apropriação dos espaços pelas pessoas, além de descrever paisagens que ajudam na compreensão do habitat e do habitar nas cidades.

Anápolis é uma cidade média que se desenvolveu entre a Capital do Estado de Goiás, Goiânia, planejada na década de 1930 e portadora de um urbanismo moderno, com forte carga tradicional de raiz francesa aliado

à experiência de cidade-jardim e a Capital do Brasil, Brasília, que é o exemplo máximo do planejamento modernista representativo da Carta de Atenas, construída no auge das críticas a esse modelo de cidade. Essa cidade, situada entre as duas capitais, serviu como laboratório para repensar o espaço público e o sentido da rua na contemporaneidade.

UMA NOVA PERSPECTIVA DE CIDADE: AS INQUIETAÇÕES DOS MEADOS DO SÉCULO XX

A segunda metade da década de 1950 marcou um período crucial na crítica ao urbanismo modernista. Essa contestação intensificou-se nas décadas seguintes, impulsionada por transformações sociais, políticas e culturais que desafiaram as concepções tradicionais de cidade e planejamento. Questionaram a eficácia e a padronização que frequentemente negligenciavam as demandas sociais, a diversidade cultural e o contexto local.

Movimentos sociais, como a luta pelos direitos civis, o feminismo, os movimentos negros, o movimento estudantil, o trabalhista, emergiram nesse contexto na década de 1960, exigindo maior participação na configuração das cidades. Essas correntes criticaram a reprodução da sociedade capitalista e as decisões de planejamento tomadas sem a consulta das comunidades impactadas. A demanda por ambientes urbanos mais inclusivos, que respeitassem a diversidade social e cultural, bem como a memória coletiva, tornou-se central na oposição à visão modernista.

A reavaliação do espaço público e das ruas foi fundamental para fundamentar essas críticas. O distanciamento da dimensão histórica e social resultou em ambientes monótonos e desprovidos de significado, comprometendo a vivência cotidiana. Segundo Carlos (2007), a porção de espaço acessível ao ser humano deve ser apropriada pela vida. Nesse sentido, a rua conecta-se às práticas políticas e culturais dos lugares que habitamos fisicamente e por meio dos nossos sentidos.

Conforme Da Silva (2014), a Carta de Atenas acentuou a marginalização da rua como espaço de convivência comunitária, dando origem a propostas modernistas que privilegiam a segregação dos fluxos. Le Corbusier, por exemplo, desprezou as referências tradicionais e defendeu a separação dos espaços, resultando na construção de cidades novas e na criação de áreas para pedestres em centros urbanos já desenvolvidos.

A transição do conceito de rua nas cidades modernistas evidenciou uma perda de sua essência. Para Felipe Noto (2019), a rua deixou de ser exclusivamente o espaço do pedestre, especialmente com a mecanização das distâncias. Le Corbusier contestou a função da rua, promovendo uma desconstrução de sua estrutura e usos, ganhando notoriedade ao caracterizar o que chamou de “tirania da rua” (Noto, 2019, p. 465).

Críticas ao Movimento Moderno surgiram, especialmente da nova geração de arquitetos dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), conhecida como Team 10, que se destacou na década de 1950. Esse grupo, formado em 1953, questionou as ideias modernistas em favor de uma abordagem mais humanista da arquitetura e do urbanismo, valorizando a participação comunitária e a preservação da identidade local. Esses arquitetos organizaram o último CIAM. O Manifesto Doorn, elaborado pelo Team 10 nessa ocasião, simboliza essa postura contestadora e propõe um rompimento com a abordagem purista do modernismo. O documento critica a padronização, que ignorava as características específicas de cada território, incluindo seus contextos cultural e social.

O manifesto destaca a importância de conhecer e estudar as relações humanas, respeitar as estruturas históricas existentes e compreender o fenômeno urbano como uma continuidade do habitat, propondo uma redescoberta dos princípios fundamentais da natureza humana (Pinto, 2011). Segundo Fuão (2000), esse novo posicionamento revela uma aproximação a uma diversidade maior de modelos culturais, com o propósito de promover e valorizar o conceito de identidade. A pesquisa de raízes mais profundas e diferentes formas de organização e mobilidade espacial foi essencial para as transformações que ocorreram após os anos 1960.

A partir da década de 1960 os estudos urbanos encontram um ambiente favorável para a elaboração e divulgação de textos, livros que vão marcar profundamente o planejamento urbano e o debate sobre as cidades. No campo da arquitetura e do urbanismo, é o momento de discussão sobre o retorno com a preocupação da história, dos tecidos urbanos complexos e suas camadas, do contextualismo, das novas relações com o espaço, novas morfologias urbanas, novas sensibilidades com a paisagem, com a imagem da cidade, com o território, entre tantos outros temas que podem ser compreendidos nas obras por exemplo de Kevin Lynch (1960), Gordon Cullen (1961), Christopher Alexander (1965), Aldo Rossi (1966), Vittorio Gregotti (1972) Colin Rowe e Fred Koetter (1978)¹, só para citar os mais divulgados e que se relacionam diretamente com o período e as críticas de Jane Jacobs.

Além do urbanismo, esse período também marca um momento de renovação da ciência geográfica e das ciências humanas, que se desdobraram na compreensão das tensões que ocorriam nas cidades. Vale mencionar as obras de Henri Lefebvre de 1968, de Manuel Castells de 1972 e de David Harvey de 1973², que se tornaram referências nos debates sobre o urbano em um contexto interdisciplinar. Esses autores contribuíram para a conceituação do espaço, articulando processos

¹ Obras publicadas no mesmo período com convergência de abordagem com as críticas de Jane Jacobs: A Imagem da Cidade de Kevin Lynch de 1960; Paisagem Urbana de Gordon Cullen de 1961; A cidade não é uma árvore, de Christopher Alexander de 1964; A Arquitetura da Cidade de Aldo Rossi de 1966; Território da Arquitetura de Vittorio Gregotti de 1972; Cidade Colagem de Colin Rowe e Fred Koetter de 1978.

² Obras dos autores citados: O direito à cidade, de Henri Lefebvre, de 1968; A questão urbana, de Manuel Castells, de 1972; e A justiça social e a cidade, de David Harvey, em 1973.

sociais e formas espaciais, além de aprofundarem as questões ideológicas e os desafios de um direcionamento teórico-metodológico e político.

A teoria cumpre um papel importante de alimentar os discursos, construir caminhos críticos em relação à prática e de dar densidade a dimensão operativa. Jane Jacobs não estava sozinha nas críticas à cidade que se desenvolveu na primeira metade do século XX, que, como lembra Schumacher ([1971] apud Nesbitt, 2006), prometeu uma utopia concebida à imagem da máquina, mas não cumpriu a promessa. A teoria urbana depois do modernismo é densa, heterogênea e complementar. O texto de Jacobs é o que mais perdurou ao longo do tempo no campo do urbanismo, sendo tratado quase como contemporâneo da realidade que vivemos hoje. O seu estilo é singular; como jornalista, ela se liberta das amarras e do apoio teórico, utilizando um arcabouço metodológico livre que fala ao senso comum. É como alguém que abre a janela, narra e analisa o cotidiano do seu tempo, um período que parece não ter mudado tanto, mas que se agravou consideravelmente em mais de sessenta anos.

AS CONTRIBUIÇÕES DE JANE JACOBS E AS CONTRADIÇÕES DE SUA OBRA

Em “Morte e vida de grandes cidades”, Jane Jacobs introduziu a discussão sobre o espaço urbano de forma acessível. Graças à sua formação em jornalismo, o texto não tinha a intenção de ser técnico e apresentava uma variedade de exemplos reais, frequentemente criando e descrevendo cenas urbanas para sustentar sua visão. Esses exemplos eram cotidianos, habitando o imaginário coletivo, como a rotina e as interações que ela gera, incluindo a imagem de crianças brincando na rua, entre outros. Assim, fica evidente a posição de prestígio que a autora conferia aos usuários e sua defesa do empirismo: “A pseudociência do urbanismo beira a neurose em sua determinação de reproduzir o fracasso empírico e ignorar o sucesso empírico” (Jacobs, 2001, p. 202).

No livro, a autora defende uma rua que vai muito além do espaço físico; ela a vê como um elemento essencial para a qualidade social e a vitalidade urbana, o palco do “balé das ruas”, como chamava a dinâmica de olhares voltados para a rua e o vínculo gerado entre as pessoas. Esses fatores são fundamentais para garantir a segurança, que só pode ser alcançada por meio da diversidade urbana em seus usos e estruturas, incluindo os edifícios.

Jacobs também se estabeleceu como uma importante ativista. Tinha como adversário o engenheiro norte-americano e ex-secretário de Estado de Nova York, Robert Moses, que introduziu grandes obras na cidade, marcadas por rodovias, pontes e túneis, além da remoção de cortiços. Essas intervenções eram realizadas de forma autoritária e eram caracterizadas pelo elitismo. Sua luta contra Moses, especialmente em relação à proposta de uma rodovia que cortaria o bairro de Greenwich Village, onde Jacobs morava, gerou grande comoção e impediu que o projeto fosse construído.

Considerando todos esses fatores, a acessibilidade e a capacidade de identificação com o público, que são pontos muito relevantes para a qualidade do espaço urbano, Jane Jacobs se consolidou não apenas como

uma das figuras mais importantes do urbanismo, mas também como uma figura quase mitológica.

No entanto, autores têm cada vez mais revisitado o livro “Morte e vida de grandes cidades” com um olhar mais crítico. Berman (1987) e Tavolari (2018), como mencionado anteriormente discutiram as contradições na obra da autora e como isso possibilitou a apropriação do seu trabalho por qualquer pessoa, além de distorções e mal uso de algumas mensagens contidas em sua obra. Enquanto isso, o escritor e curador no Centro Canadense de Arquitetura Lev Bratishenko (2024), apontou que a leitura urbana de Jacobs foi super generalizada, justamente por sua natureza empírica, destacou a falha da inclusão da discussão racial, ou qualquer questão social ou cultural, a colocando como uma “ativista relutante” e criticou sua leitura econômica rasa. Já o professor e doutor do departamento de Geografia Humana da Universidade de Radbound, Gert-Jan Hospers (2006), relatou como o trabalho de Jacobs é considerado por alguns como anticientífico e amador e que suas análises são, por vez, ingênuas, subjetivas e romantizadas. Todas essas questões foram resumidas em um quadro de contradições:

Quadro 1 – As contradições presentes na obra de Jacobs, considerando os autores Berman (1987), Bratishenko (2024), Hospers (2006) e Tavolari (2018).

CONTRADIÇÕES	
Moderna	Subtexto antimoderno
Visionária	Relações domésticas tradicionais
Cidades grandes	Relações bucólicas
Visão crítica - perspectiva de uma mulher, branca, de classe média, estadunidense	Ingenuidade - Problemas sociais não considerados: conflitos raciais, classe, etnia, gênero
Ordem - apresenta uma organização que parece facilitar intervenções privadas, aproximando dos liberais	Desordem - crítica aos especialistas e valorização do usuário, aproximando dos marxistas

Fonte: Autoria própria (2024).

Além das contradições, outro fator a ser considerado sobre a obra de Jacobs, contra seu enaltecimento cego são os fatores culturais, como Bratishenko (2024) já sinalizou, e os fatores temporais. A cultura do país e da região influenciam sobre a cidade. As cidades, ou partes específicas delas, descritas por Jacobs não condizem com a realidade brasileira, com a realidade de Anápolis. Nossas construções sociais são profundamente marcadas pelo colonialismo, que ainda permeia o DNA de nossa estrutura social. Como um país latino-americano inserido na dinâmica capitalista, carregamos questões e vivências bastante distintas dos Estados Unidos.

No contexto social brasileiro, as classes que refletem as realidades descritas por Jane Jacobs estão ligadas a modelos urbanos associados a áreas de alto valor, habitadas por indivíduos com elevado poder aquisitivo. Nesses locais, o acesso a lazer, espaços públicos de qualidade e segurança é algo que se "compra", permitindo que os

defensores da expansão de condomínios fechados se identifiquem com essas experiências.

De maneira geral, é no imaginário dessa elite que se constrói a visão de uma rua de qualidade, caracterizada por vida, arborização, calçadas largas e uma vizinhança que se sente segura e à vontade. No contexto das cidades brasileiras, esse ideal está predominantemente associado à população branca e à elite econômica.

E ainda, há uma diferença muito expressiva da sociedade na década de 1960 da realidade atual. As dinâmicas sociais, familiares, de trabalho mudaram, a tecnologia se desenvolveu e tem um impacto muito maior. Todas essas comparações foram resumidas no quadro 2:

Quadro 2 – As fronteiras da cultura e do tempo na obra de Jacobs.

FRONTEIRAS DA CULTURA E DO TEMPO	
EUA	BRASIL
Tipologia arquitetônica de edifícios sem muros	Tipologia arquitetônica de edifícios sem muros
Clima variado	Clima tende a ser mais quente
País com maior PIB	9º país com maior PIB
Maior consumismo (American way of life)	Menor consumismo (em comparação)
ANOS 60	2024
Maior taxa de natalidade	Queda da taxa de natalidade
Maior número de crianças	Menor número de crianças
Maioria dos trabalhos formais com horários fixos	Maioria dos trabalhos mais informais e flexíveis
Maior jornada de trabalho formal x sem extensão pela tecnologia	Menor jornada de trabalho formal x Extensão pela tecnologia
Mulher inserida na dinâmica familiar tradicional (donas de casa)	Maior inserção da mulher no mercado de trabalho
Comunidade mais definida por proximidade geográfica	Comunidade mais definida por interesses em comum
Tempo livre em experiências pela cidade	Tempo livre dividido entre a cidade e as tecnologias: celulares, tv, computador, redes sociais e serviços de streaming
Mais tempo livre para os adultos	Menos tempo livre para os adultos
Crianças passam mais tempo em casa com os pais	Tendências das crianças passam menos tempo dentro de casa (assim como os pais)

Fonte: Autoria própria (2024).

Assim, é oportuno, antes de aplicar as ideias de Jacobs, considerar fatores culturais, temporais e as contradições presentes na obra da própria autora. Além da necessidade de ampliar a perspectiva sobre a realidade atual ao compará-la ao texto de Jacobs, é fundamental ter maior rigor e prudência nas diversas associações indevidas que têm sido realizadas atualmente.

Não é incomum encontrar contradições na apropriação das ideias dessa autora. Em 2007, durante um seminário na FAU-USP que discutia a dispersão urbana, um dos convidados era um representante de uma rede de condomínios horizontais fechados presente em várias cidades brasileiras. Em sua apresentação, para divulgar as vantagens desse modelo de moradia, ele utilizou citações de Jane Jacobs e imagens que remetiam aos princípios do planejamento das Cidades Jardins. O público qualificado não deixou essa ação impune; houve protestos, vaias e um debate tenso entre a plateia e a comissão organizadora do evento.³

Sem dúvida, essa situação demonstra a maneira irresponsável, leviana e fragilizada com que o legado de Jane Jacobs é utilizado. Seu trabalho ressoa com as pessoas que se reconhecem em suas observações, com políticos em época de eleições que encontram suporte para promessas de todas as escalas possíveis, e com o mercado imobiliário, que produz um tipo de cidade completamente contrária ao que ela acreditava e defendia, mas que se sente confortável em manipular opiniões e distorcer o bom senso.

Na circulação das ideias recorrentes de Jane Jacobs, vale lembrar de um interlocutor que tem alcançado tanto prestígio quanto ela, e tem sido utilizado como complementar e correspondente as ideias da jornalista. O arquiteto dinamarquês Jan Gehl, por meio da sua obra mais notória, "Cidades para Pessoas", publicada pela primeira vez em 2010, tem se tornado um dos pilares de discussão sobre mobilidade urbana e o design de espaços públicos, especialmente ao enfatizar a dimensão humana e a cidade como um lugar de encontro. A contribuição de Gehl é altamente significativa, pois, além de suas críticas e análises sobre a complexidade das cidades contemporâneas, ele também apresenta projetos, soluções e detalhes que buscam promover espaços mais humanizados. Ele se formou quando o livro de Jacobs foi lançado e, embora pertença a uma geração diferente, compartilhou o mesmo contexto de críticas à cidade modernista.

No entanto, é importante notar que a aplicação das ideias de Gehl, que tem ganhado destaque atualmente, pode, em certa medida, indicar mais uma vez, a banalização de uma obra que tem muito a contribuir, mas que reflete uma realidade distinta da América Latina e de outras regiões com contextos socioeconômicos tão diversos. A adoção de suas ideias deve ser feita com cautela, levando em conta nossas particularidades e buscando uma compreensão e atuação que estejam mais alinhadas com a nossa realidade. A impressão é de que Gehl e Jacobs têm ocupado o mesmo lugar no imaginário coletivo, tanto de profissionais da área quanto do sendo comum, para descrever e apontar situações que realmente são pertinentes, quanto para aquelas irresponsáveis e fora do contexto que foram pensadas.

FRONTEIRAS DA CULTURA E DO TEMPO NA CAPTURA DOS SENTIDOS DA RUA NA ATUALIDADE

³ Depoimento de uma das autoras desse artigo, Milena d'Ayala, que estava presente nesse evento.

O trabalho de Jane Jacobs coloca as ruas e calçadas como protagonistas na construção de cidades mais seguras e interessantes, onde o espaço público é entendido como um órgão vital. As contradições surgidas na década de 1960, relacionadas ao espaço público e à funcionalidade urbana, são exploradas nas dimensões sociais e urbanas, bem como em seus impactos no cotidiano dos usuários das ruas.

As ações da sociedade no espaço urbano criam e recriam intenções, contribuindo para o dinamismo presente nas cidades e em seus territórios. A dimensão histórica e social dessas realizações revela as dinâmicas que se materializam nos lugares da cidade. O cotidiano nos coloca em contato com as práticas políticas e culturais que se desenvolvem nos locais que apropriamos pelo corpo e pelos sentidos, na escala acessível aos nossos passos. Como lembra Carlos (2007), essa dimensão do espaço é apropriável para e pela vida.

A vivência nas ruas está presente em nossas atividades cotidianas, muitas vezes desempenhando apenas o papel de espaço para o deslocamento, especialmente de veículos, se analisarmos o contexto urbano ligado à modernidade. A rua, suas funções e a interpretação que fazemos dela podem ter diferentes sentidos, dependendo da fração do território em questão, de quem são seus usuários e do papel que desempenha nesses contextos.

Recorrendo mais uma vez ao Manifesto Doorn e ao Team 10, além de arquitetos que se reuniram em torno de uma mesma ideia, destaca-se o fotógrafo e artista Nigel Henderson, que se interessou em capturar a periferia de Londres e toda a experiência urbana possível. Henderson fotografou, no final dos anos 1940 e início dos anos 1950, o cotidiano de um bairro operário em Londres, evidenciando cenas urbanas marcadas por uma arquitetura decadente, pela densidade de usos e pelos movimentos, ritmos e hábitos de seus moradores, revelando o habitat e o habitar nas ruas (TATE.ORG.UK).

O trabalho sensível de Henderson levantou questionamentos sobre o significado das ruas, suas diferentes apropriações e o valor do uso público para as diversas pessoas nas periferias, transformando o debate sobre a rua em um tema relevante na revisão da Cidade Moderna. A análise do significado da rua adquire um valor significativo, com uma sensibilidade voltada para a compreensão das necessidades humanas e das características do ambiente.

Inspirada pelo trabalho desse fotógrafo e pela necessidade de atualizar as questões levantadas por Jacobs, esta pesquisa propõe uma comparação visual entre a Londres de Henderson, o bairro de Jacobs e a cidade de Anápolis, que serve como nosso laboratório para refletir sobre as contradições do tempo e da cultura de habitar o mundo na atualidade.

Primeiramente, entender a configuração da rua é essencial. A rua londrina de Henderson (Fotografia 1) foi capturada na década de 1960 e era mais estreita, comportando um fluxo de veículos menos intenso e mais lento. Da mesma forma, a rua de Jacobs, no Greenwich Village (Fotografia 2) na década de 1960, também apresenta essa escala reduzida. Esta defendida por Gehl (2015), como ideal para a qualidade do espaço urbano,

uma vez que, em pequenas distâncias a comunicação, percepção de detalhes e as atividades são experienciadas com maior intensidade.

Cercada por edifícios mais baixos, de uso misto, sem recuo frontal, fachadas variadas e visualmente permeáveis Nova York (Fotografia 2) e Londres (Fotografia 1) apresentam as condições para a garantia de vitalidade urbana de Jacobs (2001), com os olhos na rua e movimento constante, e de Gehl (2015), configuram uma vista interessante que estimulam a prática do caminhar e os sentidos envolvidos. Todas essas características que impactam diretamente na segurança e na qualidade do uso das ruas.

Fotografia 1 – Fotografia de um homem não identificado na Rua Anthony, Londres por Nigel Henderson (Data entre 1949-1956).



Fonte: Fotografia de Nigel Henderson, atualmente na coleção Tate Archive – Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/archive/items/tga-201011-3-1-124-1/126sqire126n-photograph-of-na-unidentified-man-on-anthony-street-london> (Acesso em: 25/09/2024).

Fotografia 2 – A junção da MacDougal Street com a Minetta Lane em Greenwich Village, Nova Iorque, em 2 de agosto de 1963.



Fonte: Autor desconhecido. Disponível em:
<https://www.esquire.com/entertainment/g14473188/new-york-greenwich-village-1960s-photos/> (Acesso em: 25/09/2024).

Por outro lado, a realidade das ruas anapolinas em 2024 é bem contrastante. Como a análise foi feita no contexto da cidade, e não do bairro como a rua de Jacobs, foram selecionadas fotos de diferentes locais da cidade. Na fotografia 3, a rua Padre Luiz Gonzaga, localizada no Bairro Jundiáí, tem dimensões moderadas. No entanto, está cercada por muros, configurando uma fachada completamente cega que, além de desinteressante, é insegura. Os terrenos que a cercam não permitem que os olhos se voltem para a rua. Contando com uma variedade de terrenos vazios, edifícios baixos cercados por muros ou edifícios muito altos, estes, que não são propícios a criar uma relação do morador com a rua, devido à grande distância que compromete a visão.

Fotografia 3 – Rua Padre Luiz Gonzaga, Bairro Jundiáí, Anápolis.



Fonte: Autoria própria, 07/2024.

A Avenida Bandeirantes, localizada no Bairro Jaiara, apresenta uma configuração comum em bairros residenciais com baixa verticalização, sequência de casas de um ou dois pavimentos, cercadas por muros, em sua maioria totalmente fechados. Nesse caso, a caminhada pode até ser mais interessante, mas não aumenta significativamente a sensação de segurança.

Fotografia 4 – Av. Bandeirantes, Bairro Jaiara, Anápolis.



Fonte: Autoria própria, 07/2024.

Outro ponto a ser considerado é o uso do espaço da rua. É comum encontrar registros como mercados (fotografia 5), apresentação de música, teatro, manifestações, crianças brincando, pessoas caminhando, o uso dos comércios se estendendo às calçadas, como as mesas de um café (fotografia 6), nas antigas fotografias da cidade de Jacobs e de Londres. Essas situações promovem mais vida na cidade e segurança. Esses usos também são encontrados na cidade brasileira atual, como pode-se ver na feira de rua do bairro Jaiara na fotografia 7 e 8, no entanto essas formas de apropriação da rua não têm a mesma intensidade. Já não é comum as crianças brincarem na rua, a feira muda de lugar e é comum o usuário ser impedido de usar a calçada para qualquer atividade que vá além do transitar. Como visto anteriormente, essa perda da essência da rua é uma herança modernista, uma herança Corbusiana.

Fotografia 5 – Fotografia mostrando o Mercado Chrisp Street, Londres por Nigel Henderson (Data entre 1949-1956).



Fonte: Fotografia de Nigel Henderson, atualmente na coleção Tate Archive – Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/archive/items/tga-201011-3-1-112-10/henderson-photograph-showing-chrisp-street-market-london> (Acesso em: 25/09/2024).

Fotografia 6 – Um grupo de jovens em uma varanda de café, 12 de setembro de 1965.



Fonte: Autor desconhecido. Disponível em: <https://www.esquire.com/entertainment/g14473188/new-york-greenwich-village-1960s-photos/> (Acesso em: 25/09/2024).

Fotografia 7 – Feira de rua na R. Itaberai, Bairro Jaiara, Anápolis.



Fonte: Autoria própria, 07/2024.

Fotografia 8 – Criança soltando pipa na rua, Bairro Jaiara, Anápolis.



Fonte: Autoria própria, 07/2024.

Assim, foi possível visualizar como a cultura de outros países e as mudanças trazidas com o tempo criam espaços urbanos e ruas com realidade muito distintas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise bibliográfica de “Morte e Vida das Grandes Cidades” e de seus críticos, a elaboração de um quadro de contradições, juntamente com um quadro comparativo entre o contexto da obra e a realidade atual brasileira – ilustrados por fotografias – evidencia a insuficiência do livro para a análise das cidades brasileiras. Além disso, a relevância do questionamento “Ainda Jane Jacobs?” torna-se evidente, ressaltando a estagnação do pensamento urbanístico e sugerindo um possível ponto de partida para superá-la. Isso implica em uma análise conjunta de autores que abordam os aspectos que a jornalista não trata ou não aprofunda.

A análise das imagens foi utilizada para evidenciar diversos pontos que não foram abordados por Jacobs, limitados pelo seu tempo e pelas diferenças culturais. A revisão bibliográfica dos críticos revela que "Morte e Vida das Grandes Cidades" apresenta posturas contraditórias entre progresso e tradição, criando espaço para diversas interpretações e apropriações da obra.

Dessa forma, fica claro que Jacobs se mostra insuficiente para analisar o contexto das cidades brasileiras. Este fato reflete uma preocupação com a escolha cômoda de se contentar com esse pensamento urbanístico, além da necessidade urgente de ampliar as referências teóricas. A questão central, portanto, é como fazer isso.

Atualmente, não encontramos uma nova teoria completa, mas sim ideias fragmentadas. Uma possibilidade seria realizar um estudo complementar da obra, que, apesar de suas limitações, ainda apresenta pontos válidos e atualizados. Autores complementares, comprometidos com uma perspectiva mais ampla, menos excludente e mais atenta às questões raciais, culturais e segregacionistas, podem ajudar a preencher essa lacuna. Um dos desdobramentos dessa pesquisa é a seleção de novos textos para essa análise.

REFERÊNCIAS

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BRATISHENKO, Lev. **Jane Jacobs's Tunnel Vision. Why our cities need less Jane Jacobs**. *Literary Review of Canada, a journal of ideas*. Publicado em outubro de 2016. Disponível em: <https://reviewcanada.ca/contributor/lev-bratishenko/>. Acesso em: 19/04/2024.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: 2007.

DA SILVA, Claudio O. **A rua na dimensão da história**. III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2014.

FUÃO, Fernando Freitas. **A última trincheira do movimento moderno**. São Paulo: Arquitextos. Ed. Vitruvius, dez. 2000.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HOSPERS, Gert-Jan. **Jane Jacobs: her life and work**. *European Planning Studies* Vol. 14, No. 6, July 2006. P. 723 a P.732. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09654310600779444>. Acesso em: 19/04/2024.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NOTO, Felipe. **O Quarteirão como tipo urbano**. São Paulo: USP/ICHT, 2019.

PINTO, Paulo Alexandre T. **A ideia de cidade a partir do manifesto Doorn**. Lisboa: Universidade Lusíada, 2011.

SCHUMACHER, Thomas L. Contextualismo: ideais urbanos e deformações [1971]. IN: NESBITT, Kate. (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

TAVOLARI, Bianca. **Jane Jacobs: contradições e tensões**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, vol. 21.n.1, 2018.

TATE.ORG.UK disponível em <Nigel Henderson 1917-1985 | Tate>, acessado em 19/04/2024.

AGRADECIMENTOS

À Capes e ao Cnpq pelas bolsas de Mestrado e de Iniciação Científica para componentes dessa equipe.

Contato da autora:

Autora: Marília Rodrigues Imamura
E-mail: marilia.imamura@aluno.ueg.br

Autora: Milena d'Ayala Valva
E-mail: milena.valva@ueg.br

Autora: Taniele da Silva Brito
E-mail: taniele.brito@aluno.ueg.br

Autora: Ana Beatriz da Silva Costa
E-mail: ana.432@aluno.ueg.br

Manuscrito aprovado para publicação em: 10/12/2024